

Menos . e !, Mais ... e ?

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

Pode parecer estranho o título, mas é precisamente sobre o que queremos refletir.

Pontos finais e pontos de exclamação denotam términos, ainda que parciais, e afirmações impositivas, freqüentemente.

Quando nos percebemos encaminhando uma aula, seja para que faixa etária ou que disciplina for, freqüentemente nos deparamos com nossas afirmações a respeito de “verdades” apresentadas nos livros didáticos. Discursamos, com zelo e pontualidade, sobre os logaritmos, a civilização egípcia, as estações do ano, o objeto direto pleonástico e mais uma infinidade de “conteúdos didáticos”, reconhecidamente importantes (reconhecidos por quem, aliás?) e assim vamos utilizando, sem nos darmos conta, os pontos finais e os pontos de exclamação a cada nova “transferência de conhecimento”, que julgamos ser possível realizar.

Apesar de tanta boa vontade vamos perceber que o retorno a tantos conteúdos, pontuados ou exclamados, dados pelos alunos, fica geralmente aquém do esperado. Pouca “absorção”, alguns colegas costumam dizer.

Mas o que estaria por detrás de tais aspectos que se contradizem explicitamente no fazer pedagógico? Por que tanto esforço em vão do professor, se as provas denotam tão baixo aproveitamento? O que estaria ocorrendo, de fato? Afinal, será mesmo que em cada ano os alunos chegam menos preparados? E, nesse caso, de quem é a culpa?

Noutro dia me deparei com uma avaliação que solicitava o seguinte: calcular

$$4^{\log \sqrt{2}} + 6^{\log \sqrt{3}}$$

Ora, se esta questão estive numa prova de um curso para engenheiros, ou técnicos, vá lá! Mas era uma questão em uma “avaliação” de Matemática numa primeira série do ensino médio...

Coisas dessa natureza continuam perpetuando um ensino propedêutico, totalmente descontextualizado, sem o menor sentido político, no elevado significado deste termo tão desgastado. Eis uma expressão confinada entre um ponto de exclamação e um ponto final.

Muitas outras coisas horríveis podem ser detectadas, a todo momento e elas não acontecem somente no ensino médio, é claro. Despejar “matéria” ainda continua sendo, infelizmente para toda a nação, um gesto frequente e automático, voltado unicamente para o cumprimento de currículos, mais do que obsoletos que significantes para a formação do estudante e até mesmo para a ética carreira de um professor.

Os vestibulares continuam ditando normas e referências, embora algumas mudanças conceituais e significativas venham ocorrendo nos últimos anos. Mas não nos deteremos apenas nesta faixa de ensino: vejamos também o fundamental e a educação infantil.

Sensivelmente, quando “descemos” no eixo da graduação escolar vamos percebendo mais e mais que a participação efetiva dos estudantes, nos processos de ensino e aprendizagem, é mais expressiva. Vemos crianças vivenciando o ambiente físico, expressando e compartilhando emoções, colocando as “mãos na massa”, conversando a respeito do que fazem e por que não dizer, refletindo sobre os processos vivenciados. Vemos vida, mais beleza e alegria nos gestos do corpo, num sorriso, na satisfação sentida por educandos e educadores.

Nesses ambientes, momentos iniciais da caminhada escolar, podemos dizer que os pontos finais – que quase tudo matam ou destróem – e os pontos de exclamação – pressupostos de que alguém “ensina” só porque considera saber mais – são substituídos pelas reticências e pelos pontos de interrogação.

Reticências porque educação é processo, aprender é para sempre e saber não é privilégio de alguém; interrogação, porque construir saberes, desenvolver competências e habilidades, aguçar a sensibilidade e ser capaz de construir depende de inventar, de criar e descobrir. Eis o mistério a favor do conhecimento: indagar, questionar e transformar o olhar traz o entorno e também se reflete no íntimo de cada um, construindo e reconstruindo consciências.

Áh, se pudéssemos aprender mais com nossos colegas da Educação Infantil! Quantas coisas surpreendentes passariam a acontecer... Poderíamos tratar nossos jovens e adolescentes como tal, com o respeito que merecem pelo momento em que se encontram, mas os veríamos muito mais participantes, repletos de pontos de interrogação a impulsionar seu desenvolvimento, ocupados com reticências, por viverem processos sem fim, mais livres dos malditos pontos finais e dos prepotentes pontos de exclamação.

O que queremos, afinal? Como dispomos nosso tempo, com nosso trabalho educativo?

Somos dois milhões de professores no Brasil e temos mais de cinquenta milhões de estudantes, em um número estonteante de escolas, que passa das 235 mil, um universo gigantesco. Considere que a cada dia professores dediquem, digamos, 5 horas de seu tempo pessoal – isso para fazer uma estimativa bem razante – em suas atividades pedagógicas e profissionais. Multipliquemos isso pelo número de dias letivos, pelo número de professores e também pela quantidade de estudantes. A que número iríamos chegar? A quanto isso tudo corresponde em termos de um ano de uma nação?

Não podemos de forma alguma brincar com tais dados, pois estamos falando, como mencionamos anteriormente, da vida de cada um. São horas vitais, é tempo essencial arrancado ou dedicado, de cada pessoa, para promover e participar de um macro-processo educacional, inserido no seio do cotidiano de uma nação. E, mais dramático ainda, cada uma dessas pessoas já se consituem em cidadãos em permanente formação. A criança de hoje é o jovem de amanhã e será o adulto que, de uma ou de outra forma, colocará a nação em movimento, ou não, e, mais ainda, fica a pergunta inevitável: de que modo farão isso? Haverão médicos éticos e competentes no que fazem, apenas para citar uma profissão? Futuros educadores terão superado as idiossincrazias deste tempo e avançado rumo a uma educação melhor e mais comprometida politicamente? Profissionais técnicos estarão capacitados a lidar com responsabilidade em seus campos de atuação profissional? E para todos aqueles a quem a escola foi periférica, passageira, inconstante, como estarão? Como viverão?

Através deste breve e crítico olhar podemos perceber e nos dar conta de que quando conseguimos ver mais e mais adiante, no eixo do tempo, tendo como preocupação a Educação, percebemos a dimensão de importância do tema com que estamos lidando. A educação diária, com todos os seus desafios, problemas e conquistas, não consegue dar ou situar a dimensão de si mesma no braço do tempo: eis um fato assustador, mas que não deve e nem pode ser deixado de ser visto, refletido e enfrentado.

A partir do momento em que algumas de nossas limitações são superadas, pontos finais que vão para além em uma frase, e também nossas certezas são questionadas, isto é, quando trocamos pontos de exclamação por pontos de interrogação, vemos crescer o número de reticências. Precisamos, com coragem, saber conviver com elas, pois, de fato e de algum modo traduzem a continuidade da própria vida em seus desafios diários, menos pontos finais e de exclamação, mais reticências e pontos de interrogação.

E agora, professor?

Sugestão para leituras na Internet: http://www.ifce.com.br/php/artigo_consulta.php

(Biblioteca Digital do Instituto para a Formação Continuada em educação).

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem Pós-doutorado em andamento no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC); Mestrado em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC); Especialidade em Qualidade na Educação Básica (INEAM/OEA/USA) e Licenciatura em Pedagogia, com complementação em Física (PUCSP). Fundador da Laborciencia Editora, do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE) e do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE).

Artigo originalmente publicado na Revista Direcional Educador, fevereiro/2006.